

**CENTRO UNIVERSITÁRIO SÃO JOSÉ
CURSO DE PEDAGOGIA**

**ELAINE CRISTINA DOS SANTOS ANGELO
MARCIA MARIA FERREIRA DOS SANTOS**

**A IMPORTÂNCIA DA AFETIVIDADE NO DESENVOLVIMENTO DA
PRIMEIRA INFÂNCIA**

Rio de Janeiro

2022.1

A IMPORTÂNCIA DA AFETIVIDADE NO DESENVOLVIMENTO DA PRIMEIRA INFÂNCIA

THE IMPORTANCE OF AFFECTIVITY IN THE DEVELOPMENT OF EARLY CHILDHOOD

Elaine Cristina dos Santos Angelo

Graduanda do Curso de Pedagogia do Centro Universitário São José.

Marcia Maria Ferreira dos Santos

Prof. Me. Em Educação

RESUMO

A educação infantil é um tema preocupante para os docentes pois é a primeira fase escolar, o momento em que a criança passa horas pela primeira vez fora de casa, com costumes e vivências diferentes e é a fase que será o motor para a evolução do indivíduo. Para algumas crianças, é difícil aceitar que o seu mundo não é somente sua casa e que não é o suficiente para si e que precisará viver para o bem comum e compreender que sua vida depende de escolhas de outras pessoas. Este trabalho teve como metodologia uma pesquisa exploratória de cunho bibliográfico, elencada com uma investigação por meio de entrevistas, tendo como finalidade trazer à luz teóricos como Piaget, Vygotsky e Wallon, sob a ótica dos autores FONSECA (2018), GALVÃO (2014), TAILLE, OLIVEIRA E DANTAS (2019), discursando sobre a importância da afetividade para o desenvolvimento holístico do aluno, visando o preparo de um aluno cidadão, ciente e consciente de que estará em suas mãos a mudança e a melhoria da comunidade escolar. Neste manuscrito, serão apresentadas as implicações do uso da relação afetiva entre professor enquanto mediador e seus alunos. Nessa perspectiva, para consolidar a teoria de Wallon, as ideias de Goleman (1995) e Gardner (1995), expandindo o conceito de inteligências socioemocional e inteligências múltiplas, para defender e promover novos conhecimentos acerca do uso da afetividade em prol do desenvolvimento cognitivo, afetivo e motor da primeira infância. O presente estudo demonstra que professores de educação infantil utilizam a afetividade e que ainda acreditam que este é o melhor caminho para a criança se perceber enquanto sujeito, com respeito, empatia e olhar para o outro respaldado pelo novo documento normativo e obrigatório da união que é a BNCC.

Palavras-chave: educação infantil, afetividade, educação socioemocional.

ABSTRACT

Early childhood education is a matter of concern for teachers because it is the first school phase, the moment when the child spends hours outside the home for the first time, with different customs and experiences, and it is the phase that will be the driving force for the evolution of the individual. For some children, it is difficult to accept that their world is not just their home and that it is not enough for them and that they will need to live for the common good and understand that their life depends on other people's choices. This work had as methodology an exploratory research of a bibliographic nature, listed with an investigation through interviews, with the purpose of bringing to light theorists such as Piaget, Vygotsky and Wallon, from the perspective of the authors FONSECA (2018), GALVÃO (2014), TAILLE, OLIVEIRA AND DANTAS (2019), talking about the importance of affectivity for the holistic development of the student, aiming at the preparation of a citizen student, aware and aware that it will be in his hands to change and improve the school community. In this manuscript, the implications of using the affective relationship

between the teacher as a mediator and his students will be presented. In this perspective, to consolidate Wallon's theory, the ideas of Goleman (1995) and Gardner (1995), expanding the concept of socio-emotional intelligences and multiple intelligences, to defend and promote new knowledge about the use of affectivity in favor of cognitive development, affective and motor of early childhood. The present study demonstrates that early childhood education teachers use affectivity and that they still believe that this is the best way for the child to perceive himself as a subject, with respect, empathy and looking at the other supported by the new normative and mandatory document of the union that is the BNCC.

Keywords: early childhood education, affectivity, socio-emotional education

INTRODUÇÃO

Este artigo trata da importância da afetividade no desenvolvimento infantil, que compreende a faixa etária de zero a seis anos de idade e pretende demonstrar, através da pesquisa de campo, a relevância da atuação do professor como mediador no processo ensino aprendizagem, na resolução de conflitos internos e externos na sala de aula.

A pesquisa tem como hipótese a intervenção da afetividade na formação do indivíduo, seja de maneira positiva ou negativa, nos aspectos cognitivo, afetivo e motor, influencia na sua relação com o outro e com o meio, considerando suas emoções e responsabilidade social.

O objetivo geral deste artigo é demonstrar a importância da afetividade no processo ensino-aprendizagem com alunos da educação infantil, no seu desenvolvimento afetivo, cognitivo e social. Enquanto os objetivos específicos são identificar os benefícios da educação socioemocional na preparação do aluno para a vida social; analisar as mudanças comportamentais no aluno, perante a intervenção do professor diante de conflitos internos e externos e avaliar a conduta do professor e a influência que esta conduta exerce sobre o aluno afetado.

A justificativa deste trabalho é apontar a importância da afetividade para o desenvolvimento holístico do aluno, capacitando-o a enfrentar desafios com segurança, empatia e responsabilidade social.

Perante o assunto proposto, este texto pode ser considerado, segundo Gil (2008), uma pesquisa descritiva, pois utiliza a consideração de três bibliografias que trazem a luz, a importância da relação humana no desenvolvimento do ser social e, para isso, é necessária a relação do indivíduo com o outro e com o meio, e a afetividade nas interações socioemocionais em toda atividade que envolve a cooperação. Também é

considerada exploratória, uma vez que há necessidade de observação da atividade pedagógica entre professores e alunos, que ilustrem as teorias de mediação de Vygotsky e afetividade de Wallon, pois sentimentos são subjetivos e, é necessário observar a mudança do indivíduo frente a influência exercida pelo outro e pelo meio com o qual ele se relaciona. Para comprovação da mudança, será realizada observação de atividades em sala de aula e o desenrolar, considerando reações como acolhimento, rejeição entre outras situações que podem emergir e as respostas de um breve questionário apresentados aos professores e coordenação pedagógica que comprovem a eficácia da prática afetiva no desenvolvimento sociocognitivo do aluno.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A primeira infância, de acordo com o Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei 13.2578, de 8 de maio de 2016) abrange a faixa etária até os seis anos de idade ou 72 meses completos. A lei também visa garantir planos, serviços e programas, em todos os âmbitos da sociedade, com o objetivo de promover o desenvolvimento integral da criança com participação ativa em atividades próprias a sua faixa etária, preparando a criança para uma vida cidadã.

A Educação Infantil é a primeira etapa da vida escolar da criança que atende a faixa etária de 0 a 5 anos e 11 meses, presente principalmente em creches e pré-escolas, mas também está presente em escolas de educação básica. A criança integrante da educação infantil ainda não possui autonomia, está aos poucos saindo do ambiente familiar, tem algumas dependências e, por esta razão, faz-se necessário o cuidar do professor, utilizando atividades lúdicas, mediação e afeto para que a criança alcance seu desenvolvimento holístico na formação do seu ser. A Base Nacional Curricular Comum destaca que,

Nas últimas décadas, vem se consolidando, na Educação Infantil, a concepção que vincula educar e cuidar, entendendo o cuidado como algo indissociável do processo educativo. Nesse contexto, as creches e pré-escolas, ao acolher as vivências e os conhecimentos construídos pelas crianças no ambiente da família e no contexto de sua comunidade, e articulá-los em suas propostas pedagógicas,

têm o objetivo de ampliar o universo de experiências, conhecimentos e habilidades dessas crianças, diversificando e consolidando novas aprendizagens, atuando de maneira complementar à educação familiar – especialmente quando se trata da educação dos bebês e das crianças bem pequenas, que envolve aprendizagens muito próximas aos dois contextos (familiar e escolar), como a socialização, a autonomia e a comunicação (2018, p. 36).

O cuidar na educação infantil é um ato afetivo. O professor, mesmo sendo profissional, irá ocupar a lacuna dos responsáveis enquanto ensina, pois, este fator ainda é muito importante para as crianças, até o momento desta criança retornar aos seus familiares. É necessária uma relação de amor, empatia e confiança para que a criança esteja disposta a integrar uma nova sociedade, para que comece a desenvolver-se como ser social.

Para aclarar a importância da afetividade no desenvolvimento da educação infantil, o presente artigo traz a definição da palavra que será citada diversas vezes dentro trabalho apresentado: “Afetividade é a demonstração do bem querer, de ter carinho ou cuidado com outro alguém... A psicologia se refere a esses fenômenos como qualquer sentimento de paixões, emoções, preocupações, carinho, entre outros¹”. A emoção, assim como os aspectos cognitivo e motor, está presente na vida e na ação do aprendente. Sendo que a emoção é o que prevalece na primeira infância e é o fator determinante no seu envolvimento com o professor e colegas de classe. Para justificar a influência da afetividade no desenvolvimento infantil, serão abordadas as teorias de Wallon, Vygotsky e Piaget em três bibliografias. Embora Piaget não tenha se aprofundado na questão da afetividade, seus referenciais são de suma importância para o desenvolvimento do trabalho pois, “...restringiu-se a situar as influências e determinações da interação social sobre o desenvolvimento da inteligência e não aprofundamento na questão social” (TAILE, 2019, p. 15).

Segundo Wallon (1986), a afetividade é a gênese, composição mais arcaica da formação do ser. O ser humano já nasce um ser afetivo e, aos poucos, vai adquirindo racionalidade. Portanto, na infância, afetividade e inteligência estão em sintonia, sendo predominante a afetividade. E, segundo Vygotsky (1989), o maior erro da psicologia tradicional é acreditar que os aspectos intelectuais e afetivos andam separados,

¹<https://www.meusdicionarios.com.br/afetividade/> . Acesso em 20/04/2022.

reforçando a ideia de que o ser humano, para apreender, necessita estar bem emocionalmente para corresponder a qualquer relação social, inclusive na vida escolar.

Por esta razão, para o desenvolvimento deste artigo, teóricos como Henry Wallon e Vygotsky são de suma importância. Galvão (2014), em sua obra, contribui para a compreensão da teoria de Wallon, que abrange tanto o desenvolvimento do psiquismo humano, quanto a educação de forma simplificada, sem comprometer a essência dos ensinamentos de Wallon em suas pesquisas. Para isso, os capítulos são apresentados em temas que criam elos entre si, arrematando-os para manter a coerência das partes. Os capítulos vão desde a biografia de Wallon a implicações da utilização da psicogenética walloniana como instrumento para uma reflexão pedagógica. Galvão nos ensina que, a teoria de Wallon trouxe contribuições significativas para a reflexão pedagógica com o estudo sobre o processo de desenvolvimento cognitivo e motor da criança, tendo a afetividade como motriz.

Já Fonseca (2018), em sua obra, a partir a concepção de Vygotsky, comparando a outros teóricos, explana acerca da aprendizagem por mediação entre os pares. Reflete que este processo de ensino-aprendizagem é histórico e cultural desde a gênese humana e que permanece em uso em tempos atuais em ambiente familiar e escolar. Sua obra contribui para explicar a necessidade da convivência para o desenvolvimento. Para Fonseca (2018), Vygotsky ressalta a importância do socio interacionismo para o desenvolvimento humano. O indivíduo precisa do outro para desenvolver-se internamente, nas suas ações, na sua vida social e, esta prática de ensino-aprendizagem, envolve a afetividade.

Taille, Oliveira e Dantas (2019) contribuem com o diálogo das ideias dos três principais autores da psicologia: Piaget, Vygotsky e Wallon, na compreensão do desenvolvimento desde o nascimento, consideram fatores biológicos, sociais, cognitivos e afetivos, possibilitando a análise das contribuições teóricas que serão de base fundamental para o desenvolvimento deste estudo. Embora Piaget não tenha se aprofundado na questão da afetividade, seus estudos também contribuem por ter feito a divisão do desenvolvimento cognitivo do ser, e a faixa etária do público abordado estar representado no estágio 2, o pré-operatório, que envolve a faixa etária de crianças de 2 a 7 anos.

DESENVOLVIMENTO

Educação Socioemocional

De acordo com Fonseca (2018), a educação infantil tem por sua característica o trabalho sociointeracionista e afetivo e o foco desse trabalho é a vivência entre os pares, promovendo a empatia, estimulando o respeito, a cooperação, o autocuidado, o olhar para o outro, lançando mão de atividades que desenvolvam o cognitivo e o motor, mas com reflexões que o levem a refletir sobre o próximo. Nesse processo, os professores costumam usar como recursos leituras, contação de histórias, musicalização, teatros, levando os alunos a reflexão do que foi percebido durante as atividades por meio da roda de conversa.

A roda de conversa pode ser considerada o momento mais importante da educação infantil, pois, é neste momento que o aluno terá a oportunidade de externar, trazer à tona sentimentos guardados para que, assim, o professor tenha dados para auxiliá-lo a resolver conflitos que possam estar influenciando na sua aprendizagem e na sua vida. Segundo Abed (2014, p. 113),

Educação Socioemocional é o desenvolvimento do ser não só em sua forma cognitiva, mas integral e inclusiva, estimulando e promovendo maturidade emocional, consagrando valores neste indivíduo, para um bom convívio como cidadão cooperativo, responsável e implicado na construção de um meio ambiente melhor.

Esta modalidade de aprendizagem está presente em todos os níveis de aprendizagem, porém, na educação infantil é mais acentuada devido a necessidade de preparar o aluno para a vida em sociedade, visto que o único meio social de seu conhecimento é a família. A Base Nacional Comum Curricular (2018), documento normativo nacional, reforça a necessidade desta modalidade de ensino, através de blocos de competências, orienta educadores a direcionar os alunos por meios de habilidades para uma melhor formação sociocognitivo e afetivo.

São competências da BNCC (2018): Conhecimento; pensamento científico, crítico e criativo; repertório cultural; comunicação; cultura digital; trabalho e projeto de vida; argumentação; autoconhecimento e autocuidado; empatia e cooperação;

responsabilidade e cidadania. Todas as competências voltadas para o desenvolvimento integral da criança, preparando-a para a vida em sociedade com empatia, responsabilidade social, cooperação e uso das tecnologias digitais voltados para evolução e melhoria da comunidade.

Em busca de um ser preparado para enfrentamentos de diversas situações que serão apresentadas a esses alunos, são esperadas e estimuladas habilidades a serem desenvolvidas por esses alunos que os tornarão aptos para a vida escolar e comunitária.

As habilidades mais importantes trabalhadas pela educação socioemocional estão divididas em cinco tipos basilares. Em torno de cada um desses pontos, elabora-se um aprendizado capaz de orientar os estudantes em sua jornada pessoal. São eles na concepção de Casel: autoconsciência, que representa o conhecimento de si, de suas limitações, que favorece o seu conhecimento; a autogestão, que está voltado para o controle de impulsos, administração dos sentimentos; consciência social que diz respeito a empatia, a capacidade de se colocar no lugar do outro, respeito a diversidade; habilidades de relacionamento: relacionam-se com capacidade de ouvir com empatia, capacidade de solucionar conflitos, manter o respeito mútuo; tomada de decisão responsável: agir com consciência de modo que a decisão não afete de modo negativo uma sociedade, pensar antes de agir.²

Como a criança ainda não possui maturidade para compreender ou ainda não é capaz de externar sentimentos e valores, é papel da escola, através do professor fazendo essa mediação, apresentando conflitos seja por meio de filmes, leituras ou até mesmo situações cotidianas.

De acordo com Silva (2022, p. 401), o crucial é que as escolas para uma parceria bem-sucedida, façam com que as famílias reconheçam a sua missão na educação dos seus filhos e que as escolas, mesmo com atribuição diferente da dos pais, estarão presentes neste processo, juntos aos responsáveis para alcançar o objetivo de promover o desenvolvimento integral do aluno.

O conceito de educação socioemocional ganhou mais força após a publicação do livro do psicólogo Daniel Goleman que expandiu o conceito de Inteligência emocional a partir do artigo de Salovey e Mayer (1990 *apud* ROBERTS, 2002) Eis a definição de inteligência emocional:

A inteligência emocional envolve a capacidade de perceber acuradamente, de avaliar e de expressar emoções; a capacidade de compreender a emoção e o

² <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/implementacao/praticas/caderno-de-praticas/aprofundamentos/195-competencias-socioemocionais-como-fator-de-protecao-a-saude-mental-e-ao-bullying>. Acesso em: 12/06/2022.

conhecimento emocional; e a capacidade de controlar as emoções para promover o crescimento emocional e intelectual (MAYER E SALOVEY, 1997, p. 15 *apud* WOYCIEKOSKI e HUTZ, grifo do autor).

Logo após veio a definição mais recente e mais conhecida:

...habilidades para reconhecer o significado das emoções e suas inter-relações, assim como raciocinar e resolver problemas baseados nelas. A inteligência emocional está envolvida na capacidade de perceber emoções, assimilá-las com base nos sentimentos, avaliá-las e gerenciá-las (MAYER, CARUSO E SALOVEY, 2000, p. 267 *apud* ROBERTS, grifo do autor).

Múltiplas inteligências na Educação Infantil

Como o enfoque é o desenvolvimento infantil de forma integral, faz-se necessário explicar o que esses pequenos seres precisarão desenvolver para atingir o crescimento na sua totalidade.

O ser humano possui dons que os fazem se destacar entre outras pessoas, seja na música, na oratória, no raciocínio lógico. O psicólogo Howard Gardner (1995) definiu como múltiplas inteligências.

Mas o que são múltiplas inteligências? Para compreender melhor este conceito, segue a seguir a definição de inteligência:

- 1 Faculdade de entender, pensar, raciocinar e interpretar; entendimento, intelecto, percepção, quengo.
- 2 Psicol. Habilidade de aproveitar a eficácia de uma situação e utilizá-la na prática de outra atividade.
- 3 Filos. Princípio espiritual e abstrato considerado a fonte de toda intelectualidade.
- 4 Psicol. Capacidade de resolver situações novas com rapidez e êxito, adaptando-se a elas por meio do conhecimento adquirido.
- 5 Conjunto de funções mentais que facilitam o entendimento o entendimento das coisas e fatos.
- 6 Fig. Pessoa de grande esfera intelectual.
- 7 Compreensão recíproca.³

Segundo Gardner (1995, p.19 *apud* BECKER e PASCHOALI, 2016): “[...] inteligência é uma faculdade singular, utilizada em qualquer situação de resolução de problemas.”

Outra definição de inteligência humana dada por Antunes (2001, p. 19 *apud* BECKER e PASCHOALI, 2016):

As inteligências são potenciais biopsicológicos, são capacidades para resolver problemas ou para criar produtos considerados de valor em um meio social, são capacidades de compreender, de se adaptar, de contextualizar, são “ferramentas”, sistemas neurais diferenciam uma pessoa da outra (grifo do autor).

³ <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/inteligencia>. Acesso em: 18/05/2022.

A criança deve ser estimulada em todas as inteligências desde pequena, para impedir que ela cresça com limitações em alguma área. Porém, o docente deve considerar o desenvolvimento individual de seus alunos, pois cada um desenvolve-se de maneira diferente, e não há uma única inteligência capaz de comparar todas as crianças (MARTINS, 2011).

São as inteligências citadas por Gardner (1995): Linguística, lógico-matemática, musical, físico- cinestésica, interpessoal e intrapessoal e naturalista.

De acordo com Albino (2021, p.154):

Inteligência linguística dá- se pela habilidade do uso da linguagem, que o capacita a contar histórias, relatar fatos com precisão, o dom da oratória. A inteligência lógica- matemática é a habilidade de raciocínio lógico para analisar e resolver problemas. Inteligência musical é a habilidade para compor, sensibilidade para ritmos musicais, produções e reproduções de músicas. Inteligência espacial, capacidade de se perceber no espaço, manipulando o mundo visual, capacidade de criar em espaço amplo. Físico-cinestésica: capacidade de resolver ou mudar situações com o uso do próprio corpo. Interpessoal: capacidade de compreender o próximo, colocar-se no lugar do outro, ter empatia. Intrapessoal: capacidade do indivíduo de olhar para si, conhecer-se, para resolver conflitos internos. Naturalista: Sensibilidade ao meio natural, capacidade de identificar e entender a paisagem pura, ainda não modificada pelo homem.

Cada criança possui a sua particularidade inata junto com a influência trazida do seu lar, por esta razão, o professor deve estar atento a melhor maneira de se comunicar com o aluno, como ele assimila o que é comunicado e qual a melhor maneira.

Segundo Becker e Paschoali (2016), cada ser humano aprende de uma maneira diferente e precisamos entender e estimular a inteligência que se manifesta mais acentuadamente, fazendo com que o processo ensino aprendizagem seja mais vantajoso para o aluno.

Considerando que as Teorias das Inteligências Múltiplas ocupam um papel preponderante na elaboração de estratégias pedagógicas para a construção da aprendizagem, cumpre refletir o quanto essa abordagem é pertinente quando aplicada desde o momento que a criança se insere no contexto escolar (MARTINS, 2011).

O reconhecimento da existência das múltiplas inteligências, juntamente com a percepção da importância do desenvolvimento de competências socioemocionais foram determinantes para a confecção da BNCC, contando com o auxílio de educadores, para

aflorar no aluno o lado humano e combata a uma sociedade estagnada a casos de desrespeito com o próximo, como a questão do bullying que é abordada abertamente.

No campo do desenvolvimento das competências socioemocionais, um tema muito importante nos dias atuais é o bullying. O termo bully pode ser traduzido como valentão, brigão ou tirano. Assim, o termo bullying compreende o conjunto de ações violentas e intencionais (geralmente repetidas) contra outra pessoa e que tem como produto danos que variam desde a ordem física à psicológica, deixando “marcas” não apenas momentâneas, mas também capazes de reverberar ao longo da vida da pessoa que foi alvo do bullying.

O bullying é uma preocupação para toda a sociedade, sendo inclusive destacadas, pelo MEC, as ações anti-bullying nas escolas. No combate ao bullying, as 5 competências socioemocionais, descritas anteriormente, devem ser trabalhadas: autoconsciência, autogestão, consciência social, habilidades de relacionamento e tomada de decisão responsável.⁴

Segundo Albino (2021, p. 156), o conhecimento da teoria das inteligências múltiplas é de suma importância para as instituições escolares para contribuir a promoção de aprendizagem dos alunos a partir de diversos métodos que explorem e valorizem o dom, o talento do aluno, despertando assim, o prazer por aprender, mesmo que apresentem dificuldades em alguns campos de experiências.

Da afetividade durante o processo ensino aprendizagem

Desde o momento em que a criança sai de sua casa para fazer parte do corpo escolar, passando horas fora do ambiente habitual, é necessário muito cuidado e muito tato no envolvimento desta criança, pois ela está saindo do seu ninho de proteção e entrando num lugar novo, cheio de regras estabelecidas, afinal, estão sendo preparadas para conviver com outras pessoas num ambiente mais formal e, é o que encontrarão em outros setores, seja no trabalho, num estabelecimento futuramente. Algumas estão habituadas a regras e normas dentro de suas casas, outras são os “imperadores” e tudo gira em torno de suas vontades e caprichos e, é nesse momento, principalmente nos primeiros dias que entra a intervenção do professor.

O fato de o relacionamento ser afetivo, não significa que o professor fará vistas grossas para o comportamento da criança, o professor buscará meios para que os

⁴ <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/implementacao/praticas/caderno-de-praticas/aprofundamentos/195-competencias-socioemocionais-como-fator-de-protecao-a-saude-mental-e-ao-bullying?highlight=WyJidWxseWluZyJd>. Acesso em: 22/05/2022

conflitos internalizados na criança sejam solucionados através da mediação, buscando sempre o melhor caminho para a solução desses conflitos. Segundo Fonseca (2014 *apud* FONSECA, 2018, p. 111):

Eis resumidamente a dimensão complexa da mediatização cognitiva de Vygotsky, da qual emana o papel e a importância da relação pedagógica do reeducador no processo da (re)aprendizagem humana no reeducando. É este o objetivo elevado que a educabilidade cognitiva deve pugnar por enriquecer, quer em seu funcionamento cognitivo, conativo e executivo, quer em seu funcionamento pessoal, escolar e social.

Para falar da afetividade, é crucial a abordagem de três teóricos que explicaram sobre a aprendizagem entre os pares, teóricos estes que, ressaltam a importância do convívio socio interacional, histórico e cultural para o desenvolvimento do ser humano. Para tal será utilizada as teorias de Vygotsky, Wallon e Piaget.

Primeiro abordaremos a visão de Vygotsky que, sobre a mediatização como instrumento do processo de ensino aprendizagem, que acontece de forma cultural, desde o nascimento do pequeno ser em convívio afetivo e reflexivo com a mãe e, após esse primeiro momento, passará a dar passos maiores para lugares mais distantes. Fonseca (2018, p. 65) destaca que:

A vantagem cognitiva adaptativa de os seres humanos se identificarem e compreenderem como seres intencionais e interacionais talvez explique o triunfo evolutivo da espécie por meio da sua cognição social, e não por meio de uma cognição individual ou pessoal; daí a originalidade do pensamento vygotskyano. Pelo menos teremos de concordar com o pioneiro russo que subsistem muitas razões para defender esta hipótese, pois sem ela não seria imaginável conceber a história da humanidade sem o papel da aprendizagem social, da cooperação, da colaboração, da emulação, da imitação e da comunicação.

O momento em que é notória a necessidade de um adulto durante o processo de ensino aprendizagem da criança, foi definida por Vygotsky de zona de desenvolvimento proximal. Segundo Fonseca (2018, p. 61):

O desenvolvimento proximal, que ilustra o seu potencial que pode ser estimado a partir do que ele é capaz de vir a fazer no futuro com a ajuda, suporte, apoio ou ensino (mediatização) de outro indivíduo mais experiente (mediatizador, professor), transformando sua aprendizagem em um fator efetivo do seu desenvolvimento.

Como a mediatização na educação infantil ocorre com a criança que está se habituando a ficar horas longe do seu porto seguro, a aprendizagem envolve o cuidar,

auxiliando a criança no que for necessário até em suas atividades básicas, como comer e beber água, até o ensinando, estimulando o autocuidado e independência.

Wallon dividiu o desenvolvimento da criança em estágios para explicar as fases correspondentes a blocos de idade e, além de explicar a característica do cognitivo, leva em consideração o aspecto afetivo, sendo assim, nas palavras de Galvão (2014, p. 44):

No sensório- motor e projetivo, que vai até o terceiro ano, o interesse da criança se volta para exploração sensório- motor do mundo físico... o ato mental “projeta-se em atos motores. No estágio do personalismo, que cobre a faixa dos três aos seis anos, a tarefa central é o processo de formação de personalidade. A construção de consciência de si que se dá por meio das interações sociais, reorienta o interesse da criança para as pessoas, definindo o retorno da predominância das relações afetivas. Por volta dos seis anos, inicia-se o estágio categorial, que, graças à consolidação da função simbólica e a diferenciação da personalidade realizada no estágio anterior, traz importantes avanços no plano da inteligência (grifo do autor).

Todas as fases descritas por Henri Wallon têm sua importância, porém, é no estágio do personalismo em que a criança se projetará no outro, no adulto que de alguma maneira irá satisfazer sua vontade em atos, seja no brincar, no escrever, no desenhar até mesmo nas contações ou encenações, em que essa criança é o ator principal da aprendizagem, mas que no momento precisará segurar a mão do professor (GALVÃO, 2014).

Outro autor que descreveu o desenvolvimento cognitivo em fases foi Piaget. Embora não tenha se aprofundado nas relações afetivas, há muito o que considerar de seus manuscritos. As fases de desenvolvimento cognitivo de Piaget que abrangem a educação infantil são: sensório motor, que compreende a idade de zero a dois anos e pré-operatório de dois anos a aproximadamente sete anos. Taille, Oliveira e Dantas (2019, pp. 21-22) citam:

essa correspondência, começando pela criança no estágio sensório-motor. Neste estágio, Piaget considera abusivo falar em real socialização da inteligência. Essa é essencialmente individual, pouco ou nada devendo às trocas sociais. Em compensação, a partir da aquisição da linguagem, inicia-se uma socialização efetiva da inteligência. Contudo, durante a fase pré-operatória, algumas características ainda limitam a possibilidade de a criança estabelecer trocas intelectuais. ...As três características juntas representam o que Piaget chamou de pensamento egocêntrico. Tal pensamento como seu nome indica, está centrado no “eu”.

As observações teóricas de Wallon, Vygotsky e Piaget, mostram a necessidade de acompanhar a criança na escola para que ela se expanda tanto no cognitivo, quanto

no afetivo e motor. A criança precisa compreender que não existe um mundo só seu, que vivemos numa sociedade onde quase tudo é compartilhado e que é preciso importar-se com as necessidades e opiniões de outras pessoas e, se possível, cooperar com uma solução e perceber que essa é a atitude correta. Segundo Fonseca (2018, p. 64):

O ser humano, o verdadeiro ser cognitivo à face do planeta, procura informação relevante para funcionar de forma mais eficaz e disponível face ao envolvimento, transformando-o para melhor adaptar-se a ele. O ser humano não se limitou a uma adaptação à natureza; ele acrescentou a ela uma civilização, e isso é obra da sua cognição e da sua ação (enação).

Tal afirmação de Fonseca (2018), nos leva à reflexão de que o indivíduo não conseguiria viver sozinho e, com a evolução da sociedade e todos os recursos que a envolvem, inclusive mídias e tecnologias digitais, reforçam a necessidade de preparar a criança para conviver, acostumando-se a ideia de cooperar com o outro, vivendo em pares e grupos.

A pesquisa de campo

Para imergir no universo da educação infantil e compreender o trabalho do professor conduzindo o profissionalismo equilibrado com a afetividade, as seguintes questões a serem respondidas por professores que atuam na EI para estabelecer comparações entre as experiências:

1. Qual seu nome, idade e quanto tempo atua na Educação Infantil?
2. Na relação com o aluno em sala de aula, são permitidas demonstrações de afeto, como beijos, abraços ou permitir muita proximidade física?
3. Quando percebe mudança de comportamento do aluno durante as atividades, como costuma “trazê-lo” de volta a sala de aula?
4. Com a persistência do problema, qual é a melhor atitude a ser tomada?
5. Aconteceu, em algum momento durante sua atuação profissional, conversar com os responsáveis e eles mostrarem resistência aos relatos e orientações?

6. Após a intervenção familiar, o resultado da conversa é sempre positivo ou o trabalho continua na escola? Os pais costumam cooperar?

As perguntas foram lançadas em grupos de rede social que têm como foco a educação e em aplicativos de conversa e foram obtidas respostas de professores de diversas idades e tempo de atuação na educação infantil, respostas estas que trouxeram um parâmetro do que é o relacionamento na educação infantil, ressaltando a educação socioemocional.

Dentre estas respostas, destacarei as respostas que falam da relação com a criança em sala e afeto de quatro professoras, com idade e tempo de atuação variados do qual foram obtidas respostas de 10 professoras.

Para salientar a relação expressa entre professores e alunos, serão citadas as respostas de alguns a 2ª pergunta: Na relação com o aluno em sala de aula, são permitidas demonstrações de afeto, como beijos, abraços ou permitir muita proximidade física?

Dentre as respostas coletadas, destacamos esta que refletiu a essência deste estudo: “Completamente permitidos, pois educação infantil é sinônimo de amor.” (sic).

Sendo assim, concluímos que as respostas foram unânimes em relação a afeto, carinho e demonstrações físicas de sentimentos. Uma professora citou que sua turma era chamada de “turma do coração”, destacando a importância na busca de uma relação de troca para cativar o respeito, empatia e amor na inclusão e acolhimento ao aluno naquela nova comunidade a cada dia.

Estas respostas demonstram que professores de educação infantil percebem a necessidade de ter uma convivência afetiva e socioemocional com seus alunos para que seu trabalho seja eficaz no desenvolvimento global do indivíduo e que esse tipo de relação não é nocivo a vida da criança.

Um recurso muito utilizado para a educação socioemocional é a utilização de leituras com foco no emocional para trazer o aluno a reflexão.

É importante entender que estimular e desenvolver habilidades socioemocionais não significa contradizer a importância dos conteúdos curriculares tradicionais. Pelo contrário, esse estímulo apoia e auxilia na aprendizagem do aluno”.⁵

⁵ <https://www.colegiomeninojesus.com.br/liv/>. Acesso em 14/05/2022

A educação infantil é feita a partir do projeto político pedagógico da escola e conta com a parceria da dos responsáveis para promover esse desenvolvimento e, para analisar a participação dos responsáveis na educação infantil dentro e fora do ambiente escolar, foram levantadas a quinta e a sexta perguntas:

Aconteceu em algum momento, durante sua atuação profissional, conversar com os responsáveis e eles mostrarem resistência aos relatos e orientações?

Após a intervenção familiar, o resultado da conversa é sempre positivo ou o trabalho continua na escola? Os pais costumam cooperar?

Como respostas a estas questões, percebe-se que embora a maioria dos responsáveis são solícitos e compreendem os relatos e solicitações dos professores e cooperam para o desenvolvimento cognitivo e afetivo do aluno, alguns responsáveis ainda demonstram dificuldades em aceitar ao menos observar comportamentos para buscar junto a escola e ajuda profissional indicada para ajudar o aluno. Quando não é necessária a intervenção de profissional médico e a questão é apenas de convivência e comportamento, algumas professoras relataram que o processo de adaptação e ensino continua na escola, pois acreditam que a função do professor não se restringe a educar, o professor cuida e prepara para a vida.

Tais respostas trazem à reflexão as palavras de Piaget (1972, p. 50 *apud* MESCHIAL E SIMONETTO, 2017, p.3):

Uma ligação estreita e continuada entre professores e pais, leva, pois a muita coisa, mais que uma informação mútua: esse intercâmbio acaba resultando em ajuda recíproca e, frequentemente em aperfeiçoamento real dos métodos. Ao aproximar a escola da vida ou das preocupações profissionais dos pais, e ao propiciar, reciprocidade, aos pais de um interesse pelas coisas da escola, chega-se até mesmo a uma divisão de responsabilidades (grifo do autor).

Porém, as respostas negativas nos trazem outra observação, nem sempre os responsáveis compreendem a importância de auxiliar na educação e desenvolvimento do seu filho e isso traz uma sobrecarga maior a escola e aos educadores. Paulo Freire, em seu livro *Pedagogia da Indignação* (2000, p. 29 *apud* STEIGENBERG, 2007, p. 06), inicia sua primeira carta pedagógica com destaque para essa realidade:

A mim me dá pena e preocupação quando convivo com famílias que experimentam a “tirania da liberdade” em que as crianças podem tudo: gritam, riscam as paredes, ameaçam as visitas em face a autoridade complacente dos pais que se pensam ainda campeões da liberdade (grifo do autor).

Antes mesmo de solicitar o auxílio dos responsáveis, existindo um relacionamento estabelecido entre professor e aluno, o professor tenta a seu modo, solucionar situações e conflitos internalizados pelo aluno. Com as respostas enviadas pelas professoras entrevistadas, nota-se que há uma relação afetiva entre os pares. Neste caso, cito as perguntas:

Quando percebe a mudança de comportamento do aluno, durante as atividades, como costuma “trazê-lo” de volta à sala de aula?

Com a persistência do problema, qual a melhor atitude a ser tomada?

Mais uma vez, as respostas envolvem as palavras afeto, conversa, estímulo, abraço, olhar, acatando o uso da afetividade como meio de atingir o objetivo de chamar o aluno para si e para os outros que o cerca naquele momento. Quando uma professora respondeu que chama o aluno e o olha nos olhos para conversar, essa resposta remete ao sentimento de confiança de ambas as partes, é o mesmo que dizer ao aluno que ele não está sozinho. Apenas uma professora citou uma consequência negativa sem usar a palavra castigo que, foi substituído pelo termo “perda de direito de”, os demais membros da escola são comunicados a observar o aluno e a questão é, na maioria das vezes., resolvida na escola, poucas as vezes são levadas aos pais, pelos relatos dos professores.

Nesta questão, percebe-se que os professores assumem a responsabilidade e levam as questões para a coordenação e gestão na tentativa de resolver, para depois convocar os pais para, em conjunto, ajudar esse aluno. Percebeu-se, aqui, duas situações descritas por Piaget: “Chamamos de coação social”, escreve Piaget, “toda relação entre dois ou mais indivíduos na qual intervém um elemento de autoridade ou prestígio” (PIAGET *apud* TAILLE; OLIVEIRA e DANTAS, 2019, p. 27).

A outra situação é a cooperação, que é explicada por Piaget citada por Taille; Oliveira e Dantas (2019, pp, 29-30):

Quando eu discuto e procuro sinceramente compreender outrem, comprometo-me não somente a não me contradizer, a não jogar com as palavras, etc., mas ainda me comprometo a entrar numa série indefinida de pontos de vista que não são os meus. A cooperação não é, portanto, um sistema de equilíbrio estático, como ocorre no regime da coação. É um equilíbrio móvel. Os compromissos que assumo em relação à coação podem ser penosos, mas sei aonde levam. Aqueles que assumo em relação à cooperação me levam não sei aonde. Eles são formais e não materiais.

Outra metodologia utilizada nesta tentativa de resolução foi a comunicação como forma de alcançar o cognitivo e afetivo do aluno.

Segundo Wallon, a linguagem é o instrumento e o suporte indispensável aos progressos do pensamento. Entre o pensamento e linguagem existe uma relação de reciprocidade: a linguagem exprime o pensamento, ao mesmo tempo que age como estruturadora do mesmo. Conferindo grande importância ao binômio pensamento-linguagem. Wallon elegeu, como objeto privilegiado de seu estudo sobre a inteligência, o pensamento discursivo(verbal) (GALVÃO, 2014, p. 77).

Assim sendo, é indiscutível a necessidade da presença de um mediatizador para ajudar no desenvolvimento do aluno que não se dá de forma continuada e por esta razão precisa ser acompanhada por um profissional capaz de perceber e compreender as necessidades da criança em determinados momentos. E nesta primeira formação do indivíduo consciente e crítico, ninguém melhor que a figura do professor para exemplificar linhas comportamentais para os alunos da primeira infância.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A educação infantil mudou consideravelmente após o ECA (Lei 13.2578, de 8 de maio de 2016), que passou a garantir o direito da criança ao desenvolvimento integral da criança e após a BNCC trazer em seu documento competências socioemocionais a serem desenvolvidas nas crianças.

Esse trabalho possibilitou observar que, embora o ato de ensinar na educação infantil seja um ofício formal, a afetividade é importante e está presente em todas as atividades realizadas no ambiente escolar, tendo o professor como o mediador dessa aprendizagem nas relações interpessoais e intrapessoais.

Tendo como metodologia a pesquisa bibliográfica e a pesquisa por questionário, as concepções de Piaget, Vygotsky e Wallon como fundamentação teórica, ressaltam a necessidade de viver em sociedade para o desenvolvimento cognitivo, motor e afetivo, e as questões norteadoras foram desenvolvidas e respondidas pelo questionário respondido pelas professoras.

As respostas diferentes apresentam um ponto comum: a afetividade, muitas vezes referidas com as palavras amor e parceria.

O trabalho obteve as respostas esperadas e percebeu-se que a afetividade é importante para o desenvolvimento integral do aluno e que o professor, dentro da escola, é o principal responsável pela integração do aluno na nova comunidade e promotor da mudança de comportamento do aluno pela sua intervenção e mediação de conflitos internos e externos, levando-o a reflexão, fazendo-o olhar para si e para o outro e promovendo empatia, trazendo situações através de leituras, teatro, musicalização entre outras atividades, firmada na teoria das inteligências múltiplas de Gardner, que reforça a necessidade de colocar o aluno como centro da aprendizagem, para que este desenvolva suas habilidades e competências e torne-se um cidadão crítico, consciente de suas escolhas e seus atos e responsável pela transformação positiva do seu meio.

A família é tida, pela instituição de ensino, como parceira no processo de desenvolvimento do pequeno ser, quando tem consciência da importância da sua participação efetiva e compreende que a escola está ali para orientar e ajudar.

Com o reconhecimento da necessidade do desenvolvimento de habilidades socioemocionais e amparados pela BNCC, os professores deixaram de ser meros alfabetizadores e passaram a preparar o aluno para a vida social, consciente, com empatia e dispostos a solucionar problemas e ajudar o outro.

O trabalho é relevante, pois reforça a necessidade da afetividade no desenvolvimento da primeira infância, para que as crianças estejam prontas para avançar no seu desenvolvimento integral e internalizar que são essenciais para mudar a realidade do meio em que vivem com criticidade, sentimento de respeito e empatia para uma sociedade saudável e estimular, com resultados positivos nas escolas, professores a manter a mesma linha de formação, investindo em trabalhos e projetos, sabendo que estarão contribuindo para uma sociedade melhor.

Porém as pesquisas devem ser continuadas, pois, embora o questionário tenha sido criado no Forms e sendo compartilhado em diversas plataformas de comunicação e redes sociais, em grupo de profissionais de educação, foram obtidas apenas dez respostas, considerando a relevância do assunto apresentado e considera-se que

havendo mais estudos a respeito, pode-se ter um parâmetro de um melhor caminho para conduzir o aluno a um desenvolvimento global com êxito.

REFERÊNCIAS

ABED, Anita Lilian Zuppo. **O desenvolvimento das habilidades socioemocionais como caminho para a aprendizagem e o sucesso escolar de alunos da educação básica.** São Paulo, abr. 2014 Ministério de Educação e Cultura. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=15891-habilidades-socioemocionais-produto-1-pdf&Itemid=30192 Acesso em: 05/06/2022.

ALBINO, Letícia Moreira de Souza; BARROS, Sarah Gonçalves. **A teoria das inteligências múltiplas de Gardner e sua contribuição para a educação.** Revista acadêmica educação e cultura em debate. Goiás, abr.2021. Disponível em: <https://revistas.unifan.edu.br/index.php/RevistaSE/article/viewFile/683/454> Acesso em: 11/06/2021.

BECKER, Tatiane Teresinha Orth; PASCHOALI, Daiana Raquel. **O processo educativo e a teoria das inteligências múltiplas: uma nova perspectiva a partir de Gardner.** Disponível em: https://eventos.uceff.edu.br/eventosfai_dados/artigos/semic2016/449.pdf Acesso em: 20/05/2022

Brasil. **Lei 13.257, de 8 de março de 2016.** Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Diário Oficial [da] República Federal do Brasil, Brasília, DF, 8 de março de 2016. Disponível em: http://planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2016-2018/2016/lei/113257.htm Acesso em: 20 abr. 2022

_____. **Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018.** Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/imagens/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal-site.pdf Acesso em: 20 abr. 2022

Colégio Menino Jesus. **LIV Educação socioemocional.** Disponível em: <https://www.colegiomeninojesus.com.br/liv/> Acesso em: 14/05/2022.

FONSECA, Victor da. **Desenvolvimento cognitivo e Processo Ensino Aprendizagem: abordagem psicopedagógica à luz de Vygotsky.** Petrópolis, RJ Vozes, 2018.

GALVÃO, Izabel. **Henri Wallon: uma concepção dialética do desenvolvimento infantil** 23ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

MARTINS, Beatriz Prado; **Inteligências Múltiplas: A teoria na prática da educação infantil**. Revista Científica Aprender.2011 Disponível em:<<http://revista.fundacaoaprender.org.br/?p=76#:~:text=Gardner%20elaborou%20esta%20teoria%20para,valorizadas%20e%20estimuladas%20pelo%20ambiente>>. Acesso em: 20/05/2022.

MESCHIAL, Romilda Ribeiro; SIMONETTO, Katia Cardoso Campos. **Afetividade e envolvimento familiar no combate à indisciplina**. Revista Eletrônica Científica Inovação e Tecnologia. Paraná, dez.2017. Disponível em:<<https://periodicos.utfpr.edu.br/recit/article/download/e-4819/pdf>> Acesso em:22/05/2022

MICHAELIS. **Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa**. Disponível em:<<https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/inteligencia>> Acesso em: 18/05/2022.

ROBERTS, Richard D.; MENDONZA, Carmem E. Flores; NASCIMENTO, Elizabeth do. **Inteligência emocional: um construto científico?** Scielo Brasil, Paideia/Ribeirão Preto, São Paulo, 2002. Disponível em:<<https://www.scielo.br/j/paideia/a/mjMYwQXKcxjzCGp53S7Px9s/?lang=pt>> Acesso em: 18/05/2022.

SILVA, Kesley Mariano da. **Educação-Família e escola: uma relação que dá certo**. Revista acadêmica educação e cultura em debate. Disponível em: <https://revistas.unifan.edu.br/index.php/RevistaSE/article/download/861/578>. Acesso em:12/06/2022

STEIGENBERG, Josmary Firmino de Souza. **Interação família-escola: saberes necessários para a construção de relações transformadoras**. Disponível em: <<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/763-4.pdf>> Acesso em: 22/05/2022

TAILLE, Yves de La; OLIVEIRA, Marta Kohl; DANTAS, Heloysa. **Piaget, Vygotsky, Wallon: teorias psicogenéticas em discussão** 29ª ed. São Paulo: Summus, 2019.

WOYCIEKOSKI, Carla; HUTZ, Claudio Simon. **Inteligência emocional: teoria, medida, aplicações e controvérsias** Scielo, São Paulo, 2009. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/prc/a/fYtffQ8jhwz7Dn3sNGKzRwt/abstract/?lang=pt>> Acesso em: 16/05/2022.